

Uma

Mulher

Vitoriosa

[1]*Uma obra de:*

Virgínia Vitoriosa

Edição e produção, por:
Fátima Abreu (Fatuquinha)
Ilustrações:
Zacky Barreto.

Rio de Janeiro, 2020

Introdução:

Um drama que começava nos anos 50...

Virna contava por volta de seus 3 anos e meio.

A primavera era estação, dado que estavam no mês de outubro, quando tudo começou.

O casebre era feito de terra vermelha, em um bairro afastado de Manaus.

Do lado dessa casa, havia a casa da avó Adelaide.

A casa não tinha porta, apenas a marcação, ou seja, o portal.

[1] *Vírginia Vitoriosa*

Durante a noite, uma porta de palha traçada era colocada nesse espaço; só havia uma janela, e o teto também era de palha.

No entanto, tinha uma sala grande. Do lado de fora, tinha algumas plantações:

Um canavial, mangueira, goiabeira, bananeira... Havia uma cerca feita de bambu, delimitando o local.

A mãe tinha cabelo encaracolado, clara, olhos puxadinhos, baixinha de pernas grossas, cabelos compridos.

O pai, era moreno bem queimado do trabalho ao sol, tinha cabelo liso como todos os índios da região, olhos puxados, e estatura mediana.

Não falava muito, entretanto, muito gentil.

O irmão era bem branco, filho de um português, e tinha o cabelo liso.

Um adolescente calado e triste.

Fruto de traição de Ruth com o marido da mãe dela (ou seja, com o padrasto).

Manolo era epilético, e sofria muito, porque a mãe displicente como era, não o levava ao médico para tratamento.

A irmã Marta, era bem arredia.

Já Aurora, irmã biológica de Virna, era quietinha, e não tinha boa saúde, nesses tempos era um bebê. Clarinha, tinha cabelo enroladinho.

Ademir bebia muito, contudo, não era agressivo com ninguém.

Um homem simples e carinhoso com Ruth, embora ela não retribuísse a atenção.

Ruth era muito vaidosa, e não se preocupava muito com os filhos.

Ela no fundo, não queria ter filhos com Ademir. Em suma, não era romântica, e sim, uma mulher bem ignorante.

Primeira Parte:

Capítulo 1

A Família

Em um casebre dividido em uma sala grande (que era como quarto) havia 4 redes e uma cama de casal.

A um canto, tinha uns vasos de barro com bambus, palha, um guarda-roupa sem portas (as roupas estavam sempre jogadas umas sobre as outras), e um cesto grande com brinquedos.

Um portal sem a porta, dava para a cozinha, e nela havia um fogão de lenha, um

filtro de barro marrom (muito usado no interior), uma prateleira com panelas, bacias de alumínio, e num outro canto, uma mesa com copos e pratos.

Nos fundos estava uma "cacimba" que era lacrada com uma tampa de madeira.

Era um bairro pobre de Manaus, com quatro irmãos de pais e histórias diferentes:

Manolo tinha apenas 13 anos e ele tomava conta de suas irmãs Marta, com 10 anos, Virna com 4 anos, e a caçula Aurora, de 2 anos.

Ademir, pai das meninas menores, trabalhava na construção de casas onde hoje são os caminhos da Transamazônica.

Ele voltava a cada 15 dias, para ficar um pouco com a família em casa, por mais ou menos quatro dias.

Ruth era a mãe dessa família, mulher analfabeta, fazia algum trabalho doméstico nas casas das pessoas, mas, não era feliz.

Quando Ademir conheceu Ruth, ela trabalhava em uma "Colônia de prostituição" (assim era chamada naquela região do país), que era frequentada por homens das grandes construtoras de estradas.

Ademir se encantou com aquela mulher pequena, cabelos negros, coxas grossas, ela era uma das mais requisitadas, todos a procuravam.

Desde que a conhecera, ele desejou tê-la só para si, e assim fez:

Providenciou para tirá-la daquele ambiente, e seguiram para um quarto.

Ali mesmo, tiveram a primeira conversa, ficou sabendo que ela tinha dois filhos de pais diferentes.

No entanto, para ele isso não tinha importância, ele queria construir uma família com aquela mulher que tanto encantara seus olhos...

E tudo aconteceu como ele havia planejado: Foram morar juntos os quatro, e a partir desse momento, ela não frequentou mais a "Colônia".

Pouco tempo se passou e Ruth engravidou.

Meses depois, nascia Virna, que parecia uma indiazinha, porque recebeu muitos traços do pai.

Tinha cabelos pretos, cor parda pela mistura, olhinhos puxadinhos.

O pai todo feliz, a pegava no colo, dizendo:

"Minha Cunhatã !"

Depois de mais um tempo, Ruth engravidou novamente e chegou Aurora. Ademir era alegria em pessoa, pois, se encantava com elas.

Quando saía para trabalhar, pedia para o mais velho, que cuidasse bem das meninas.

Manolo era muito cuidadoso, amoroso com elas, enquanto sua mãe Ruth, não parava em casa.

Bem, no período que o Ademir não estava, sempre dizia que estava indo trabalhar, e o menino às vezes a indagava quando chegava. Ruth se aborrecia pelas perguntas.

Vivia a reclamar de tudo, e não ligava para cuidar das meninas.

Quando o pai das meninas voltava da labuta diária, Virna corria gritando e lhe abraçava com muito amor.

Aquele homem cansado, esquecia do dia pesado e ficava ali, com as duas:

Uma em cada perna, e beijava aqueles rostinhos sorridentes...

Tirava de sua sacola, bolachas e algumas bonecas de pano para as meninas, e também uma bermuda para Manolo, que agradecia, correndo para experimentar.

Ademir se levantava para ir na direção de Ruth, que desde que ele chegara, ficara encostada a janela, sem nenhum sorriso.

Ele a abraçou já com a intenção de lhe beijar, entretanto, aquela mulher sem reciprocidade ao carinho, virou o rosto, não querendo aquele beijo.

A noite chegava e aquele menino, o Manolo, encostado na parede, ouvia sua mãe dizer que não queria mais aquela vida...

Ademir tentava motivá-la, dizendo para ter paciência, pois, tudo ficaria bem...

Seguiu-se um silêncio profundo.

Na manhã seguinte, Ademir junto com Manolo, foram para cidade comprar alimentos, já que Ruth não quisera ir:

Simplesmente ela se deitou, e pediu a filha Marta, para tomar conta das irmãs menores, e a menina mesmo com dificuldade, atendeu ao pedido dentro das suas possibilidades.

Quando Ademir retornou, encontrou as crianças sujas, e a menorzinha chorando. Automaticamente, perguntou por Ruth (que estava dormindo e não tinha preparado o almoço).

Há momentos que não se tem mais como procrastinar:

As palavras têm que sair da boca.

Então, depois de alguns anos de convivência, eles tiveram a primeira briga.

Precisa-se de um movimento mais forte do vento, para o barco mudar de rumo...

Capítulo 2

A Decisão

Desde aquela tarde, que seu pai junto com o Manolo voltou da feira, era nítido que Ruth e Ademir não estavam bem, pois, mal se falavam,

Ademir balançou as filhas na rede até que elas caíssem no sono.

Em seguida, colocou os lençóis sobre aqueles anjos, e nessa mesma noite, ele dormiu na rede. Marta dormiu na cama com Ruth.

O dia amanheceu e estava Ademir preparando o café, fazendo biju, enquanto Ruth olhava para fora da janela pensativa...

Marta e Manolo esperavam o café, enquanto a mamadeira de Aurora estava esfriando e o mingau de Virna pronto em um pratinho.

Ele se aproximou e parecendo medir as palavras, disse:

- Pode dar para elas?

Ruth, balançou os ombros com indiferença.

Virna comeu rápido o seu mingau e puxou seu pai para o quintal; pois, ela adorava brincar com ele e seu irmão Manolo de esconde esconde (assim foi relatado por alguém da época para nossa protagonista).

Marta cuidava de Aurora com mais cuidados, por ser bebê ainda, enquanto Ruth ficava no espelho penteando os cabelos. Ademir ficava apenas observando a cena, sem dizer nada.

Os dias se passaram, e lá se foi Ademir para seu serviço...

Aquele dia parecer ter uma nuvem cinza sobre a família, porque as meninas menores choravam muito, e Virna se agarrava nas pernas dele chorando. Como se desta vez pressentisse que algo aconteceria... Fatalmente, aconteceu.

As crianças parecem ter essa percepção extra-sensorial de fatos futuros.

Ruth na janela, com uma caneca de alumínio bebia seu café, parecendo estar com o pensamento vago, e que tudo a sua volta, parecia não existir...

Será que havia uma razão para isso?

Ademir foi em sua direção, e ela simplesmente virou o rosto e saiu. Então, ele cabisbaixo, chamou Manolo e disse muito sério:

- Cuida das suas manas, seja o homem da casa, e não deixa ninguém fazer mal para elas.

Passou a mão na cabeça de Manolo com carinho, (não fazia distinção por ele não ser seu filho), beijou as três meninas e se foi. Era mais um dia de lida nas obras e a vida seguia...

Virna se enfiou embaixo da mesa e continuou chorando.

Ele ainda se voltou olhando para o quadro de desespero, e disse para o menino:

- Faz essas meninas pararem de chorar Manolo, senão vou... Arre, deixa para lá.

Manolo pegou Virna no colo, acalentou, e ela finalmente dormiu.

À tardinha todos estavam na grande sala, Aurora dormia e as outras crianças bem acordadas.

Ruth estava visivelmente inquieta, andava da cozinha para a sala, ficava olhando, como se fosse fazer algo.

Manolo foi até a mãe, perguntando:

- Você vai sair agora, quase noite?

Ela respondeu com chateação:

- Cuida da sua vida, menino!

Ele saiu de perto dela, e foi sentar no banquinho de madeira, que ficava encostado à porta.

Virna como era muito agarrada ao irmão, ficou no colo dele.

Alguns minutos depois, Ruth, movida por um sentimento misto de revolta interna e ambição para mudar de vida, estava toda arrumada:

Carregava uma bolsa grande e colorida na mão, e outra menor.

Pegou seu espelho, passou batom.

Ruth passando frente a Manolo, ele aproveitou e enfim, fez a pergunta com os olhos marejados, parecendo adivinhar a resposta:

- Mãe você vai voltar?

- Cuida das suas irmãs?

Ela disse somente.

Foi andando sem olhar pra trás. Manolo correu atrás da mãe e falou:

- Como vou cuidar delas, eu ainda sou um menino?

Ruth não disse nada, e simplesmente se foi!

Era o desalento, o desencanto, o desamor que falava naquele momento...

Essa foi a última imagem que Manolo, Marta e mesmo a pequena Virna, viram de sua mãe Ruth.

Nem um beijo... Tampouco um olhar apenas!

Era a cena de um abandono por quem teria de cuidar de seus filhos, como qualquer outra mãe que dá à luz...

Nem todas as mães protegem seus filhos como lobas no deserto...

Capítulo 3:

Abandono

A noite foi chegando, Manolo parecia atordoado com a atitude de sua mãe Ruth, que saiu sem ao menos olhar pra trás, sem nenhum carinho, sem nada. Em um canto estava Marta sentada com Aurora no colo, já dormindo.

Na rede, Manolo tentava dar a sopa para Virna, que Ademir antes de sair para o trabalho havia feito.

No entanto, a menina rejeitava a comida, chamando pelo pai.

Aquele menino tentava ser forte, muito embora, seu coração estava apertado.

Em pensamento dizia a si mesmo:

- Minha mãe tem que voltar! Ela precisa voltar...

Pegou Virna e a colocou na cama, em seguida, fechou as trancas.

Foi pegar água para beber, e novamente foi para a janela pensativo...

Ficou ali por um tempo, até que foi sobressaltado com o choro de Virna.

"Seria uma longa noite. com certeza", pensou...

O cantar do galo (como todos os dias) despertou Manolo, que levantando, percebeu a triste realidade: Ruth ainda não voltara para casa.

Todavia, ele ainda tinha certeza que logo ela retornaria para o lar em que deixara seus filhos...

Manolo fez o café, a mamadeira da menor, e sentou na porta da entrada, quando a "Vó Preta", Adelaide, perguntou por Ruth (sua filha).

O menino apenas disse que ela ainda não havia chegado. A avó com espanto respondeu:

- Até agora? Desde ontem? O menino sem saber o que dizer, continuou ali parado.

Deu a hora do almoço, e nada... Chegou a noite, e Manolo já estava sem expectativa do retorno da mãe. Sem as irmãs perceberem, ele chorou.

Era desesperador! Porque para um menino daquela idade, ter a responsabilidade de cuidar das irmãs, sem ter muita noção do que aconteceria a seguir...

Seus pensamentos estavam confusos:

"E se ela não voltasse, o que iria fazer com as irmãs?"

Olhou a dispensa e deparou que não tinha tantos alimentos, o leite era de saquinho e todo dia tinha que comprar, só dava para mais um dia.

Já tinha se passado praticamente dois dias que Ruth saíra de casa!

Aurora amanhecera com diarreia, e ele não sabia o que fazer.

Então, chamou sua Vó Preta, e contou que sua mãe não havia voltado para casa, também disse que a menina estava com diarreia, e não sabia cuidar.

Adelaide prontamente, fez um chá de broto de goiaba e deu para ela.

Era assim que se cuidava naquela época, e nos locais de difícil acesso à socorro médico.

Adelaide percebeu que as roupas sujas de fezes estavam espalhadas e as crianças descabeladas.

Manolo chorava por não saber como continuar a cuidar das meninas.

Quando caiu a noite, o menino pegou peixe seco e cozinhou. Comeram com farinha e água.

Virna chorava compulsivamente, e ele tentava acalentá-la:

Pulava, fazia caretas, mas, ela ainda chorava...

Então, sem ter como parar aquilo, chamou de novo sua avó, que constatou febre ao passar a mão sobre a testa da menina.

Adelaide pegou a criança e deu um banho frio.

Manolo não dormiu naquela noite, preocupado com suas irmãs.

Choraram quase a noite toda, deixando o menino muito nervoso.

Tentava se acalmar para poder cuidar delas, entretanto, também chorava, porque tinha medo.

Foi até a cozinha, e olhou a leiteira:

O leite fervido, apenas daria para uma criança. Então, o que faria? Novamente ele caiu em lágrimas.

Não tinha nenhum dinheiro. Pegou água e misturou ao leite, e deu para as irmãs.

No almoço, cozinhou macaxeira (mandioca/aipim) e de novo, peixe seco.

E esse foi o almoço deles.

Lembrou que no quintal tinha uma bananeira com dois cachos. Olhou, pegou o teçado (era um tipo de facão) e tirou um cacho que estava quase maduro. Durante o dia, as crianças beberam chibé (uma mistura de água com farinha) e com certeza as meninas menores choraram muito porque estavam com fome.

Era triste o que acontecia: Todos ali estavam inquietos, e os vizinhos já estavam sabendo que eles estavam sozinhos.

Manolo tentava cuidar das irmãs, todavia, para ele estava sendo difícil:

O menino que já tinha uma doença complicada, quando ficava nervoso, o atingia bruscamente, sem hora marcada. E foi a epilepsia que nessa manhã, o deixou se debatendo no chão...

Com isso, Virna estava perto dele, foi bruscamente arremessada para o chão.

Os vizinhos acudiram, levando para dentro de casa, e trataram de seus ferimentos.

Depois de alguns minutos Manolo voltou a si, e ele chorou mais uma vez, porque viu Virna machucada.

Sua atitude na mesma hora, foi de abraçar a menina; dando todo o carinho que ele pudesse mostrar, para se redimir do acontecido, embora não tivesse nenhuma culpa.

Os vizinhos se entreolharam e aí, foi tomada a decisão que mudaria a vida de todos.

Mais um dia amanheceu. Manolo se dirigiu para a porta rapidamente, pois, ouvia vozes...

O menino pensou num átimo de esperança:

"Nossa mãe voltou!"

Contudo, ouviu que chamavam repetidamente:

"Abram, é a polícia!"

E ao abrir a porta, seus olhos ficaram arregalados:

O espanto, a incerteza, o medo, tudo era sentido, naquele momento...

Capítulo 4:

Adoção

Manolo sentiu medo, não sabia o que fazer! Olhou para os lados e viu sua irmã Virginia vindo em sua direção, chorando...

Logo atrás, Marta trazia Aurora no colo. Era nítido que as crianças estavam assustadas.

Além dos guardas, entraram a "Vó Preta" e outros vizinhos; alguns seguiram até a cozinha, olhavam tudo, até as panelas destampadas, tudo estava uma desordem.

Manolo foi chamado, e perguntas foram feitas:

"Por onde andam seus pais? Estão sozinhas quanto tempo? Tem se alimentado?"

Aquele menino tentava ser forte, ele era o homem da casa, era responsável pelas irmãs.

De repente, eles foram levados para um jipe, por um daqueles homens.

E de longe, Manolo via que conversavam com "Vó Preta", e a mesma gesticulava...

As crianças choravam e colocavam as mãos na cabeça, como se ela quisesse fazer alguma coisa, porém, não podia.

O barulho do motor do veículo se fazia, e ali, sem nada dizer, eles seguiam aquela estrada de terra...

Manolo abraçado com Virna, olhava para Marta com Aurora em seus braços.

O pensamento vagava, mas, era como se perguntasse para si mesmo:

"O que será que vai acontecer com a gente?" Com certeza, eles estavam com muito medo.

Depois de um tempo, o jipe parou em frente à um casarão com árvores ao redor.

Desceram então, e todos caminharam em direção a ele.

Era um sentimento estranho que aquelas crianças naquele momento passavam; ninguém dizia nada, e apenas o choro de Aurora (que chorava de fome), destacava no silêncio de suas mentes infantis.

O casarão já estava próximo. Uma pequena escada aparecia em sua frente, e subiram os degraus.

Logo entraram numa sala enorme, foi quando Manolo foi chamado.

Ele foi ao encontro daquele homem que avistava:

Grande e gordo, e que tinha um bigode que chamava atenção. Esse homem estava sentado atrás da mesa, com um punhado de papéis e uma máquina de escrever.

O menino sentou-se e ali, e novamente se repetiram as mesmas perguntas...

Manolo respondia tudo de maneira real, como foram os fatos vividos.

Uma campainha foi tocada, e a porta foi aberta, entrando assim, a freira Joana.

Nesse momento, o homem grande disse algo no ouvido dela.

A irmã de caridade fez sinal, e outra freira foi em direção a ela...

As duas pegaram Virna e Aurora, e saíram do local com as crianças, que choravam copiosamente...

Manolo e Marta gritavam desesperados pela separação daquele momento:

> *- Não levem minhas irmãs! Para onde estão levando as meninas?*
>
> *Em instantes eles se separavam... Sem saber, era a última que se viram na infância.*

Virna e Aurora continuavam a chorar, e seguiam por um corredor longo, com as freiras.

As religiosas de vez em quando, paravam; fazendo carinho nelas, mas, principalmente em Virna, que soluçava sem parar.

Entraram um quarto grande, onde tinha muitas camas separadas.

Era um dormitório embora aquelas crianças pequenas não soubessem disso.

Virna foi ali deixada em companhia de uma freira, enquanto Aurora nesse momento, dormia no colo da outra freira.

Então, foi levada a outro pavimento, e só se ouvia o choro alto de Virna, pois, ficou sozinha sem seus irmãos. Assim, durante anos, elas nunca mais se viram. Parada, sentadinha na cama, aquela menina chamava por seu irmão, sentia falta do seu pai, chamava por sua mãe, queria ver sua irmã, aonde estava Marta?

Uma família se desfizera em questão de dias!

Virna sentia falta de todos, e não compreendia o que estava acontecendo, pela sua pouca idade.

De repente, muitas meninas entraram naquele local. Foram ao encontro dela, pois, se via a curiosidade com a recém-chegada...

Virna estava quieta, não falava nada, não queria nada, e não entendia nada!

Adormeceu de cansada, e quando foi acordada, foi apresentada às outras garotas.

E a seguir, foi para o refeitório, sentou -se e foi servida sopa de legumes para todos.

A menininha olhou e aí caiu no choro:

Eram suas lembranças, que traziam seu pai até ali...

"Ele fazia uma sopa deliciosa como ninguém!"

Contudo, sua fome lhe dizia para começar a comer, então foi isso que fez.

Os seus olhos enquanto comia, buscava sua irmã Aurora, e ela perguntou a alguém:

- Cadê minha mana?

Apenas ouviu:

- Come... Come...

Virna nunca soube a resposta.

Os dias foram passando. e ela se apegou a freira Joana, porque ela era muito carinhosa.

Sempre cuidava tanto dela como das outras meninas, de uma forma acolhedora, principalmente quando ela chorava de noite, chamando pelo irmão Manolo. Virna era uma menina que não brincava com as outras crianças, vivia sempre sozinha, pelos cantos, falava sozinha e chorava deitada com o travesseiro no rosto.

Por muitas vezes era encontrada debaixo da cama.

Numa manhã, depois de meses, a freira Joana veio buscá-la.

Bem, nesse dia foi diferente, porque deu banho, a arrumou cuidadosamente, penteou seus cabelos... Depois a levou pelo longo corredor.

Virna a olhou e perguntou curiosa:

- Aonde você está me levando?

A bondosa freira sorriu e disse:

- Você vai para sua casa.

Virna percebeu que estava aquele mesmo homem com um casal: A mulher de cabelos ondulados, olhos esverdeados e bem vestida, estava acompanhada de um senhor fardado, de cabelos lisos, olhos escuros, e estavam sentados de frente aquele homem.

A freira se aproximou e ficou ali parada com a Virna de mãos dadas. Depois de alguns minutos, a senhora levantou e foi ao encontro da menina, abaixou-se e disse:

- Você é minha filha, e agora vai com a gente pra casa.

Não houve uma palavra da menina. Ela apenas segurou forte a mão da freira...

O homem que ela encontrara logo que chegou ali, a chamou, e disse:

- Indiazinha esses são seus pais.

Virna de novo, permanecia calada, e foi tomada pelas mãos, por aqueles que seriam seus pais a partir daquele momento...

Lá se foi olhando para trás, como se quisesse ter ao lado dela, aqueles que nunca mais tinha visto, sua família.

E seus olhos marejados de lágrimas, eram apenas um choro se perdendo naquela estrada, que a levava para uma nova vida. Nossa, e que vida!

E havia tanto ainda para percorrer... Os ventos eram de futuras tempestades...

Capítulo 5: